

## Podcast Eh Familiar - Episódio 1

Legenda Transcrição:

(Palavras entre parênteses) → Comentários da transcritora

[00:00:00] → marcação de tempo da fala

“Palavras entre aspas” → citação

Falantes:

Lais Bim – anfitriã

Fernando Ogushi – quadros informativos

Dionne Feritas – convidada

Erick Barbi – convidado

“ser cuidada para mim é principalmente ser respeitada na minha individualidade, ser amada e, ao mesmo tempo, ter acesso à todos os direitos civis que todo mundo deveria ter”

(Vinheta musical)

O Podcast **É familiar** é uma produção do Sesc Avenida Paulista e integra o projeto institucional do Sesc São Paulo, Cuidar de Quem Cuida, que trata do universo da primeira infância, de pessoas que são cuidadoras de referência e do ato de cuidar, acolhendo as diversas realidades do cenário contemporâneo e trazendo ao debate construções sociais que precisam ser revistas.

Na composição de suas famílias, o que pessoas LGBTI+ experienciam? Que garantias têm resultado de sua organização e luta pela visibilidade de seus corpos no mundo? Como a garantia ou a negligência a estes direitos as afeta e impacta suas parentalidades?

É com esse panorama de perguntas, em busca de soluções e alternativas, que estreamos o **Eh Familiar**, um podcast realizado pela Equipe de educadoras e educador infantojuvenis do Sesc Av Paulista para compor o "Cuidar de quem Cuida: exercícios do cuidar na primeira infância - Políticas públicas", projeto do Sesc SP, com a consultoria de Saulo Amorim e produção de Thiago Theodoro e Felipe Dantas.

(Vinheta musical)

Que sigla é a mais adequada para fazermos referência à comunidade LGBTI+?

Para elucidar essa questão é preciso entender o contexto e seus usos.

Há quem defenda uma sigla ampliada, LGBTTTQIACPPF2K+, em constante transformação, principalmente por compreender uma gama político-identitária bastante grande da população. A inconstância da sigla e suas múltiplas apresentações precipitaram o esforço de buscar algum consenso por meio de entidades de representação.

Assim, em 2017 durante evento realizado pela Aliança Nacional LGBTI+, entidades nacionais e representantes de coletivos e diretórios sociais e políticos convencionaram acompanhar a tendência internacional da sigla, entendendo-a como suficiente no símbolo "+" e acolhedora às identidades, orientações e conformações biológicas intersexo.

Por isso, acompanhando o consenso de 2017, utilizaremos a sigla reduzida LGBTI+, que pode ser mais facilmente compreendida. Traremos o significado da sigla em nossa matéria no Portal do Sesc SP, onde ficará disponível para uma rápida busca e conhecimento da amplitude e força dessa sigla expandida.

No primeiro episódio do Eh Familiar, falaremos sobre o lugar da pessoa LGBTI+ em sua família de origem e contaremos com a participação de uma pessoa especialista no assunto, **Dionne Freitas**, Terapeuta Ocupacional especialista em atenção hospitalar; Mestre em Desenvolvimento Territorial Sustentável – Redes Sociais e Políticas Públicas. Diretora Consultora de Saúde da Associação Brasileira de Intersexos, Diretora da Área de Intersexos da Aliança Nacional LGBTI+ e uma pessoa que trará seu relato de experiência pessoal, **Erick Barbi**, pai, cantor, ator e compositor. Palestrante, escritor, suas composições e palestras trazem temas como a diversidade, aceitação e autoestima e levam sua história de vida e superação para os mais diversos públicos. É proprietário da produtora EB Produções e também sócio e proprietário da DIFERENTES, especializada em orientação corporativa com foco na diversidade.

Olá famílias, eu sou a Laís Bim e serei a anfitriã dos 4 episódios que integram esse projeto, inicio esse episódio agradecendo a todas, todos e todes que estão ouvindo e participando. Vou me autodescrever: sou uma mulher cisgênero, bissexual, sou mãe de uma criança de dois anos a qual não padronizo no sistema binário (menina/menino) pois é ela quem irá saber o que é, sou branca, tenho olhos azuis, cabelos compridos loiros e rosa nas pontas, estou em São Paulo, feliz da vida por estar à frente das apresentações e interlocuções desse podcast que Eh Familiar, como educadora do Sesc Avenida Paulista, e o meu pronome é ela/dela.

Convido agora Dionne Freitas a se auto-descrever. Bem-vinda!

[00:05:21] Meu nome é Dionne Freitas. Eu sou uma pessoa intersexo, transgênero, me identifico enquanto mulher, minha orientação sexual é hetero, meu pronome é ela/dela. Eu sou um pouquinho alta, tenho 1,75 de altura, sou branca, tenho o cabelo com luzes e uma franjinha que eu adoro. Eu sou do interior do Paraná mas me considero uma pessoa viajante porque já morei em vários lugares desse país. Atualmente eu estou em Ribeirão Preto, interior de São Paulo. Não sou mãe. Só se considerar os meus pets porque eu tenho sete gatinhos. Sou terapeuta ocupacional e nesse momento eu estou cuidando dos meus gatinhos e sendo cuidada pela minha mãe porque eu estou em um processo de vestibular para Medicina. Ser cuidada, pra mim, é principalmente

ser respeitada na minha individualidade, ser amada e ao mesmo tempo ter acesso a todos os direitos civis que todo mundo deveria ter.

Muito obrigada e bem-vinda!

Convido agora Erick Barbi a se auto-descrever.

[00:06:37] Eu sou um homem trans, heterossexual, sou casado com a Bárbara. Meu pronome é ele/dele. Eu sou baixinho, ao contrário da Dione. Tenho 1,60. Sou completamente calvo e barbudo, um pouco fortinho. Eu nasci em Valinhos, morei bastante tempo em Campinas e agora moro em Paulínia, aqui do lado, no interior. Estou falando do escritório aqui de casa. Como eu disse, sou casado com a Bárbara e sou pai do Vinícius e Rafael, meus filhos do coração. Eu cuido do Vinícius desde os três anos de idade e do Rafael, desde os três meses, na barriga. Eu acompanhei toda a gestão da Bárbara, assisti o parto, ou seja, praticamente pai dos dois. Não sou pai biológico mas sou de alma e de coração. Eu sou empresário, músico, cantor, palestrante e artista, acima de tudo. Ser cuidado, pra mim, é ser zelado, ter carinho. É você ter um amor e carinho por uma pessoa especial e cuidar dessa criação, dessa vida.

No projeto Cuidar de quem cuida, focamos nas famílias que por muitas vezes são invisibilizadas por um sistema opressor e preconceituoso, e dessa forma, viemos falar sobre políticas públicas, numa tentativa de instrumentalizar e de fazer chegar essas informações a quem por vezes, e digamos, várias vezes, tem seus direitos negados.

Vamos **juntas**?

(Vinheta musical)

Imagine você ser referenciado equivocadamente por alguém?

É de forma invisibilizada e excludente que a língua portuguesa, construída desde a colonização europeia aos moldes patriarcais, tende a perpetuar desigualdades.

Sob a ótica de compreender que a sociedade é composta por pessoas com diferentes características identitárias que lutam pelo reconhecimento dessa diversidade, esse panorama de comunicação está num processo intenso de mudança. Aqui, em nosso Podcast, nos ocupamos de referenciar a cada pessoa com seu pronome escolhido e, quando nos referenciamos a um grupo geral, utilizamos o “todes”.

Quer saber mais sobre linguagem neutra e linguagem inclusiva?!

Acesse o portal do Sesc para ler a matéria ou veja aqui na descrição do vídeo, os links para o Guia Todxs Nós e a página Politize!

Nesses links, você encontra mais informações sobre o quão importante e necessária é a linguagem inclusiva e/ou não sexista, garantindo, no âmbito da comunicação respeito, valorização e acolhimento da diversidade humana.

## Entrevista 1

Laís: Dione, você sendo uma pessoa intersexo, como você se sente em relação aos desafios e também sobre ter ou não apoio de sua composição familiar?

[00:10:05]

Dionne: Atualmente eu me sinto uma pessoa totalmente realizada e me sinto bem. A dificuldade que eu vejo é mais do Estado e social, de entender a complexidade de entender o que é intersexo. Desde muito cedo, os meus pais já sabiam que tinha algo diferente no meu corpo e no meu desenvolvimento. É óbvio que, por pressões sociais, eles tentaram fazer com que eu fosse aquilo que eles achavam que eu deveria ser, que era ser menino. Mas, quando eles perceberam que era algo meu, tanto da minha identidade de gênero feminina quanto o meu corpo ser diferente, eles aceitaram. Claro que com as dificuldades porque a gente não fala de intersexo socialmente, nem na escola, nem na aula de Biologia em que as pessoas adoram falar de Biologia para atacar quem é diferente, não se fala. Existe todo um movimento de apagamento de corpos diferentes. Na minha família eu me sinto muito acolhida mas na parte social, infelizmente, somos invisibilizadas e isso acaba resultando em atendimento médico sem qualidade. Não conseguimos pedir alguns exames, por ter corpos diferentes, porque o sistema de saúde impede. E até mesmo para a representatividade. É isso que me deixa muitas vezes reflexiva. Não falo triste porque tenho muitos motivos para estar feliz nesse momento mas essa é a minha realidade, eu não posso falar por todas as pessoas intersexo. Não temos representativa social, não temos uma escola que fale dos nossos corpos e um governo que nos invisibiliza, finge que a gente não existe.

Lais: Acho que você tem um repertório e uma experiência de vida de acolhimento familiar. Então, para você, qual a importância de um lar acolhedor à diversidade para o pleno desenvolvimento da infância LGBTI+? Quais as consequências de um lar preconceituoso?

[00:12:20]

Dionne: A importância pra mim é fundamental. Não é só por experiência minha, de perceber que por eu ser uma pessoa intersexo com a variabilidade de gênero, ao ser acolhida pela minha família, isso me fez perceber que apesar das dificuldades que eu tinha socialmente, do preconceito e violência física e sexual que eu passei, que eu tivesse esperança de melhorar. Quando eu chegasse em casa eu era acolhida pela minha família, por mais que socialmente eu não era acolhida, tanto na escola, no sistema da saúde e até na polícia. Quando eu fui denunciar as violências era a mesma coisa que nada, eles riam da minha cara. Ter uma família que me acolhia foi o divisor de águas. Eu tive acesso a privilégios que a maior parte da população LGBTQIA+, principalmente pessoas trans i

intersexo não tem que é ter amparo para estudar, poder chegar no mestrado e agora, talvez, poder fazer uma segunda graduação. Quantas pessoas trans ou intersexo tem essa oportunidade? É muito raro. A família foi e é a fundamental base para que isso aconteça. Quando pensamos no sentido da família não acolher, além de dado estatístico nós temos dados de saúde mental para mostrar que isso nos leva a suicídio, transtornos mentais de ansiedade, depressão, inclusive até bipolaridade ou outros transtornos graves, pela falta de acolhimento porque sóma-se a isso uma violência social, educacional, institucional assim como a violência familiar. Você não tem amparo, vai parar na rua. Eu sou uma pessoa trans também, além de ser intersexo e quero falar de um dado das meninas trans que é o fato de que 80% das meninas trans saem da escola antes de chegar no ensino médio porque não tem apoio na família. Se você tem uma família acolhedora, eles brigam. Quantas vezes a minha irmã foi na escola enfrentar aquele sistema opressor. Quando você não tem uma família, não tem quem te defenda nesse momento, você sendo menor de idade e acaba caindo na prostituição. Lembrando que a prostituição não é o problema. O problema é você ser marginalizada para a prostituição, ser empurrada. A sua expectativa de vida fica em torno de 35 anos. É muito triste isso.

Laís: Nossa! É muito baixo. E o seu exemplo ... fica bastante vulnerável porque se você não tem uma estrutura dentro de casa que te apoie .. você também citou na primeira pergunta sobre essa parte médica em que não se pedem nem exames. Conta mais sobre isso, por favor.

[00:15:13]

Dionne: É óbvio que estamos tendo um movimento social para isso mudar mas por exemplo, como nós temos um sistema binário que é de gênero ... no Brasil se registra gênero, não se registro sexo, tanto é que temos o registro masculino e feminino e agora consegui o ignorado mas isso não foi avanço porque ignora a sua existência mas pelo menos tem uma opção para colocar ali. Quando você tem esse tipo de marcador, no sistema de saúde é a mesma coisa, masculino e feminino. A partir de quando você se identifica com o masculino ou o feminino, tem uma série de exames que só o gênero feminino ou masculino poderá fazer pelo SUS então se eu preciso fazer um exame para analisar os meus resquícios de tecido reprodutivo, dito socialmente como sendo feminino mas tendo um registro masculino, eu não consigo fazer porque não tem opção de um homem fazer exame de coleta de preventivo ou de um ultrasso para ver o útero. O contrário é a mesma coisa, para ver a próstata e tudo mais. Eu estou falando no caso geral mas no meu caso, por exemplo, eu fui fazer exame agora, estav lá preenchendo a ficha que é separada por gênero, e eu não tenho problema com isso, o meu problema é não ter uma terceira opção para contemplar pessoas intersexo e pessoas trans. No meu caso, essa é a minha visão. Tinha que preencher o gênero que você se identifica, o motivo de precisar fazer esse exame, que no meu caso foi uma ressonância magnética, pra poder informar melhor o médico e ele se atentar a isso. Se você é homem, ver a próstata, ver a vesícula seminal, ver tecidos masculinos internos. Se você é mulher, ver útero, ovário. Estava desse jeito. Eu tenho ambos os tecidos, como que eu vou fazer? Eu tive que marcar que eu sou hoomem, para ver os resquícios de próstata e de

vesícula seminal. Marcar que eu sou mulher também, você entende? Quando a enfermeira viu aquilo ela disse que não tinha como eu ser os dois. Eu não posso passar isso para o médico, não tem como a gente fazer esse exame. Eu tive que explicar pra ela e ela ficou horrorizada, passei um constrangimento. Ela começou a falar: nossa, você viu a ficha dessa moça, como está? E todo mundo na recepção vendo. Que coisa horrorosa. É isso que a gente passa.

Laís: Ela estava dizendo, claramente, que você não existe.

[00:17:56]

Dionne: Sim. Eu levantei e falei: não, moça. Eu sou uma pessoa intersexo. Ela: o que é isso: Eu falei: antigamente era chamado de hermafrodita mas hermafrodita é só um caso dos mais de 40 estados intersexo. Eu tenho um dos casos. É normal a gente ter tecidos diferentes dentro do corpo. Como eu vou fazer um exame e omitir dado. Eu preenchi os dois porque não tem uma opção aqui: Você é mulher e tem próstata? Você é homem e tem útero? Não tem essa opção aqui. Ou, você tem um corpo não binário ou um corpo diferente. Escreva aqui o que você tem. Eu acho super invasivo esse tipo de coisa mas, pelo menos, pra você ter a opção e não passar por isso. Isso faz um mês, não é a 40 anos atrás.

Laís: Talvez mais invasivo seja você ser invisibilizado por tantos aspectos . Primeiro, o da caixinha binária onde você tem que ser colocado por gênero e não o sexo. Muitos consideram isso um avanço e sim é um avanço mas ainda não chegou onde é preciso, sobre o ser ignorado.

[00:19:14]

Dionne: Sim. É muito triste porque como você vai fazer política pública de educação, saúde, segurança, de renda, se você é ignorado? Não existe política pública para uma pessoa ignorada. A gente precisa de política pública para uma pessoa intersexo, escrever o que é e os tipos de intersexo. A gente fala que foi um avanço porque antes, para se registrar uma pessoa que fosse não binária no corpo, não era fácil. Na maioria das vezes você era obrigado a fazer uma cirurgia no seu bebê para que ele tivesse acesso ao sistema de saúde. Lembrando que, sem a DNV – Declaração de Nascido Vivo, você não existe, seu bebê não existe e se o seu bebê não existe, você não pode pedir licença maternidade, pedir um cartão SUS, o seu filho não pode passar pelo sistema de saúde, fica inexistente. Se essa criança, além de nascer intersexo, tiver um problema cardíaco, vai morrer porque como você será atendido no sistema de saúde? Pegava-se essa criança, via como ela era geneticamente, mais isso ou aquilo, o que eu acho um absurdo porque não é porque a pessoa é xy que será menino. Eu tenho amigas que são xy, tem útero e são mulheres. E o contrário também. Tem a questão da identidade de gênero. É um corpo diferente. A gente quer colocar em caixinhas corpos que não são de caixinhas. O mesmo é falar de um corpo que é endosexo, e cisgênero, funciona daquela maneira, agora um corpo que é intersexo não funciona daquela maneira. A pessoa pode perfeitamente ter órgãos diferentes e isso ser, pra ela, normal. Isso é o nosso normal.

Laís: Como você tem sentido a área médica com relação à esta burocracia a mais com relação às famílias que respeitam o corpo biológico de nascimento de seus filhos e decidem não realizarem uma cirurgia de conformação sexual?

[00:21:25]

Dionne: Eu entendo que atualmente a medicina é uma ciência que sofre atravessamentos institucionais, da religião, da política como está no momento. O nosso país, por mais que tenha havido avanços, é um país conservador e estamos em um momento reacionário, ainda por cima. Isso reflete na ciência. As pessoas falarem que a ciência é neutra é a maior mentira já contada. A ciência tenta ser neutra mas quem financia a ciência, quem está por trás da ciência? Se eu não tiver dinheiro, não consigo produzir ciência. Eu posso tentar. Preciso de um laboratório, de investimentos então acaba tendo um direcionamento e eu vejo muito isso na medicina. Um direcionamento para que você seja macho ou fêmea típico, falando do sentido biológico da coisa. Então, se o seu corpo não é assim, você não pode existir. Isso não é ciência porque a ciência trabalha com o empirismo. Existem corpos diferentes, existem corpos binários, com identidades diferentes e que podem manifestar seus corpos de diferentes maneiras. Isso é empírico porque existe, você vê, é dado, você consegue quantificar. Eu vejo que a medicina está sendo direcionada, enviesada. A gente vê isso quando o médico descobre que o seu filho é intersexo é fala que é uma aberração, é uma anomalia. Pessoas já me contaram que foram orientadas que o filho seria gay, travesti. Já veio mãe falar pra mim que o médico disse: se você não operar teu filho, ele vai crescer e vai virar travesso. Agora, você imagina uma mãe fragilizada, pós parto, com uma criança que ela nunca pensou que ia ter ... inclusive, nós temos um movimento de chá revelação, que não existia há 10 anos e você vê que é uma influência conservadora. Existia chá de bebê, neutro, pra arrecadar materiais de cuidado para o bebê. Agora, de 10 anos pra cá, devido aos avanços dos LGBTQIA+ e das mulheres, começaram a colocar gênero até nisso. Você vê que tem um movimento pra reafirmar. Então, a mãe está esperando um menino ou menina e vem uma pessoa intersexo, ela não sabe lidar com isso.

Ela não está esperando uma criança.

Ela está esperando um menino ou uma menina e não um bebê, uma criança, independente do gênero.

Já projetou tudo na criança. Exatamente.

[00:24:23]

Dionne: O que acontece é que ela fica desesperada, o médico fala isso e ela opta pela cirurgia. Tem médicos que ainda tentam ver a questão biológica como se isso fosse adiantar alguma coisa mas tem médicos que vão pelo mais fácil, vamos fazer uma vagina e você cria ele como uma menina. É assim. Não sou eu que estou falando, temos relatos em vídeo de pais que ouviram isso e ouvem ainda. São pais de crianças de um ano, seis meses, um ano e meio. Não é algo que acontecia lá atrás, é algo que acontece hoje.

Laís: Como eu sei se minha criança nasceu intersexo? o que devo fazer?

[00:25:07]

Dionne: Quando falamos de pessoa intersexo estamos falando de variações corporais e biológicas. No bebê você percebe pela genital. Se não é um pênis com testículo ou como uma vulva. Se tem alguma diferença, aconteceu algum processo de diferenciação que vai além do que é binário. Em um bebê é assim que você percebe. Ou pelo teste do pezinho, que pega a hiperplasia adrenal congênita que tem formas que precisam ser tratadas mas o tratamento é para não perder sal, não tem nada a ver com cirurgia na genitália então tem que tomar cuidado com isso. Tem médico que já te condiciona que será filha porque a hiperplasia adrenal congênita é xx. A sua filha tem perda de sal, tem que tratar senão vai morrer. Realmente, se não tratar, morre quando tem perda de sal. Porém, tem que operar a genital. Não tem que nada a ver operar a genital. Tem que tratar a perda de sal. São esses casos que você pode saber quando é bebê porque se ele tem genital ambíguo é intersexo. Pode ser uma variação sutil de intersexualidade mas existe. Ou tem a perda de sal por quê? Porque tem a genitália vulvar, mas se tem hiperplasia adrenal congênita vai ter hiper produção de testosterona. Vai ser uma criança que será criada como menina mas quando chegar na puberdade vai ter muita produção de testosterona então você tem que ficar de olho. São esses casos que podemos perceber na infância mas vale lembrar que a grande maioria dos estados intersexo aparecem na puberdade.

Laís: Dione, maravilhoso. Muito obrigada por todo o conteúdo que você nos trouxe. Onde podemos te acompanhar mais pelas redes?

[00:27:15]

Dionne: Eu que agradeço pela oportunidade. Fiquei muito feliz e honrada por estar participando. Eu tenho um canal no youtube onde falo sobre diversidade de gênero, sexo e as intersecções que tem. No meu instagram @dione.freitas também tem de tudo, desde o meu cotidiano até o trabalho na ABRAE e outras ações que eu faço. Também no próprio site da ABRAE, com outros ativistas.

Eu sou fã, vou continuar seguindo lá. Muito obrigada.

(vinheta musical)

Você sabe o que significa LGBTIfobia?

“Entende-se por LGBTIfobia toda e qualquer conduta que envolva aversão odiosa à orientação sexual ou à identidade de gênero de alguém, por traduzirem expressões de racismo, compreendido em sua dimensão social”.

Esse foi o entendimento do Supremo Tribunal Federal que enquadrou a LGBTIfobia como crime de racismo – nos moldes da Lei nº 7.716/89, até que seja promulgada uma Lei específica para criminalização desta conduta pelo Congresso Nacional.

Ou seja, a LGBTIfobia é um crime semelhante ao racismo, e infelizmente apresenta deficiência de dados oficiais no Brasil, principalmente em decorrência da subnotificação de ocorrências e do registro inadequado dos casos. Esta foi a conclusão publicada no O Atlas da Violência 2020, produzido pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada.

Neste contexto, os relatórios de entidades civis de defesa dos direitos da população LGBTI+, como o grupo Gay da Bahia e a Associação Nacional de Travestis e Transexuais se mostram fundamentais para mensuração da LGBTIfobia no Brasil. Segundo relatórios, este tipo de violência pode ocorrer no espaço público, no âmbito institucional, mas ocorre principalmente no âmbito familiar e doméstico.

Em 2019, em torno de 35% das mortes ocorreram na residência da vítima, enquanto 21% ocorreram em vias públicas e a escola, segue como o terceiro local onde acontecem mais casos de LGBTIfobia dentro da faixa etária de 10 a 14 anos.

A partir dos dados recentes, foi possível aferir que durante o período de pandemia, 70% das pessoas LGBTI+ cumprindo isolamento social junto a familiares acabaram sendo vítimas de algum tipo de violência, sem ter espaço ou a quem recorrer com medo de expulsão ou agravamento da situação de violência.

A maior parte destes dados são obtidos por meio de relatos de vítimas em redes de apoio ou são frutos de pesquisa em jornais, o que leva a subnotificação de casos e, por conseguinte, gera problemas para se aferir a real dimensão da LGBTIfobia no Brasil. Ainda que não sejam adequadamente enquadradas, as informações coletadas já expõem uma situação preocupante e sugerem caminhos para redução do problema.

Para além da melhoria na coleta de dados oficiais e maior suporte às iniciativas cidadãs que trabalham nesse cenário, a violência contra a população LGBTI+ deve ser enfrentada de maneira transversal, atuando no setor da segurança pública, mas também focando em outras áreas capazes de lidar com a violência que acontece no ambiente doméstico.

É o que sugere o texto, "A Violência LGBTI+ no Brasil 2020, produzido pela Clínica de Políticas de Diversidade da Fundação Getúlio Vargas, documento que embasou a pesquisa deste quadro do nosso podcast Eh familiar!.

## **Entrevista 2**

[00:31:20]

Laís: E agora, nossa entrevista com Erick Barbi. Bem vindo, meu amor! Eu já estou chamando de meu amor porque já estou encantada com esse programa, com a Dione, com a sua história. (para Erick) Caso seu processo de autoconhecimento tenha se iniciado na infância, sentia espaço para compartilhar com sua família suas descobertas?

[00:31:48]

Erick: A minha família sempre foi muito aberta para diálogo. Sempre tivemos um acolhimento muito grande por parte dos meus pais, tanto eu quanto a minha irmã que é dois anos mais nova do que eu. Mas, por conta desse processo, eu comecei a verbalizar que eu me sentia um menino com três anos de idade então foi muito cedo. Vocês imaginam isso em 1981, que era um período em que não se tinha conhecimento de absolutamente nada. Na época em que eu nasci não se fazia ultrassom, não se sabia o gênero do bebê que ia nascer. Chá de revelação então, imagina. A partir do momento que a criança nasce, está gerada a expectativa. Na verdade, eu acho que os pais já lidavam com as expectativas antes. O que será que vai ser? Vai ser menino ou menina? Não sei. Eram enxovais neutros mas expectativas. Então, a partir do momento que eu nasci, até os três anos de idade, era uma menininha, vestidinho, sem autonomia para escolher nada. A partir do momento em que eu comecei a ter autonomia para escolher, comecei a exigir vestimenta masculina, queria cortar cabelo curto e meus pais, e aí? Meu pai caminhando mais para um lado de vamos deixar a criança e minha mãe desesperada porque ela é uma senhora criada no interior de Minas Gerais, em uma cidadezinha muito pequena, super católicos então tem a questão religiosa. Mas, mesmo assim, abertos ao diálogo. Eu sempre exigi ser tratado dessa maneira, com uma personalidade forte e já tinha isso desde pequeno mas eu não sabia explicar o que era. Eu me senti assim, me sentia um menino e eu questionava. Enquanto eu não sabia o que era, eu questionava. Eu lembro de um episódio que quando eu estava na escolinha, com cinco anos de idade e tentando entender o processo, para usar o banheiro eu pegava a plaquinha do Cebolinha ao invés da plaquinha da Mônica, porque eu era um menino, eu me sentia assim e por mais que as pessoas dissessem que eu era menina, eu dizia não. Em uma dessas idas ao banheiro, um amigo meu foi junto e fez xixi sentado. Eu falei: nossa, você faz xixi sentado também? Por que? Porque eu operei a fimose. Ai eu fui pra casa e disse pra minha mãe que tinha descoberto o que aconteceu. Eu operei a fimose. Minha mãe se descabelava mais um pouco, aquela coisa. Apesar do não entendimento, houve um acolhimento no sentido de vamos deixar a criança correr solta. Mas, por parte mais da minha mãe começou a acontecer esse processo do azul e rosa, meio forçado. Por exemplo, hoje eu sou um homem que não vê problema nenhum em homem usar rosa, usar cores mas eu tenho um trauma tão grande rosa, por conta disso. Eu não consigo usar nenhuma peça de roupa rosa. É uma coisa que está encrustada na minha mente. Minha mãe fazia um complô com as vizinhas, de me dar presentes femininos que ia tudo para a minha irmã, eu dava tudo pra ela. Mas, eu sempre tive a liberdade de ter essa questão do universo masculino presente. Os meus brinquedos, minhas brincadeiras meus amigos. Mas, a gente não tinha como verbalizar o que estava acontecendo. Eu não sabia. Eu achava que estava louco. Eu fui crescendo com isso, achando que eu era um castigo de Deus. Eramos católicos. Eu questionava muito isso e rezava muito para virar um menino. Eu dormia com a roupa do Super Homem e rezava para virar um menino e o Super Homem, se desse, pra acordar com super poderes também. Meu pedido foi atendido um pouco mais tarde.

[00:36:54]

Laís: É, porque eu estou vendo um super homem aqui. Eu fico pensando que a gente sempre tem umas projeções que colocamos nas crianças., principalmente quando você está nesse exercício da parentalidade. Você contando da sua mãe e do seu pai e esse deslocamento de pensamento, eu posso até pensar em projetar mas tenho que parar, antes e não exigir porque quando eu exijo, em termos gerais, qualquer coisa, não funciona porque eu estou dizendo para outra pessoa que ela tem que ser o que eu quero que ela seja. Como eu digo para alguém que ela não é tal coisa? A gente entende o momento histórico, entende o anos que foram passados mas precisamos nos atualizar sempre com relação a você é o que você é! Você se aceita assim? Você pensa assim, você sente assim entao pronto! Talvez, isso chegue nas famílias como uma forma de parar e pensar se está infringindo o espaço pessoal da minha criança e estou colocando os meus desejos, os meus anseios perante a minha criança, antes de ouvir o que é totalmente dela?

[00:38:28]

Erick: Inclusive, uma das coisas que o meu pai fala em um dos documentários que participamos, se não me engano foi no Liberdade de Gênero, que foi ao ar no GNT, onde ele fala: Antes eu tinha uma menina extremamente depressiva. Hoje eu tenho um homem, um filho, feliz e realizado. Toda minha família via e sentia o peso daquilo, só que naquela época não tinha nome pra isso, não existia essa coisa de transexualidade. Tinha na mídia uma Roberta Close dando close e a mídia deseducando cada vez mais. Esse homem, que linda!, sexualizando tudo e você não tinha, principalmente homens trans, relatos de homens trans. Por isso que a representatividade é tão importante. Você vê crianças que podem se olhar e se ver no espelho de outras pessoas. Ter homens e mulheres trans, pessoas intersexuais na mídia, traz a representatividade para dentro das pessoas porque, ada vez mais cedo, essas pessoas podem se encontrar, dar nome ao que elas são. Hoje em dia tudo tem que ter nome. Era o que vocês falavam anteriormente. Você precisa ter registros para ser atendido no SUS, inclusive em planos de saúde, hospitais particulares. Eu passei por um processo cômico, se não fosse trágico. Eu fui fazer um ultrassom abdominal porque depois que eu peguei COVID tive que fazer uma série de exames para tratar as sequelas e um deles era um ultrassom abdominal. O médico que estava fazendo disse que estava tudo bem, o fígado, rim, próstata, tudo bom. Bom saber (rindo), ela não existe. Eu até tive um momento de felicidade, sabe. Será que eu tenho próstata, ou não? É aquela desinformação total. Pra tudo nessa vida precisamos ter um nome. Imagina há 22 anos atrás, quando eu me assumi, me descobri transexual. Agora, imagina uma criança? Há quase 40 anos atrás, falar sobre isso, sem existir nada que mostrasse um caminho. Eu me achava louco, um pecador, que Deus estava me castigando por algum motivo e ponto final.

Laís: Agora você falou sobre as crianças, como você sente que seus filhos encaram a parentalidade transafetiva? Conta pra gente como foi na primeira infância e como tem sido a partir de então.

[00:41:54]

Erick: Eu cuido dos meninos desde muito cedo. O Vinícius hoje está com 17, foi fazer vestibular. Estou nervoso. Eu nunca imaginei que eu teria filho, ainda mais que iria fazer vestibular. Estou ficando velho. O Vinícius desde os três anos e o Rafa desde os três meses de gestão. Nós temos a benção deles nascerem em um lar da diversidade, a Bárbara sendo psicóloga do Centro de Referência LGBT, então eles nasceram e cresceram na diversidade. A gente fazia hurrasco com homens trans, drag queens, travestis, pessoas cis, hétero, bi. Era uma sopa de letrinhas. Eles sempre foram muito ativos lá no Centro de Referência, então todos os encontros que fazíamos lá eles iam e conheciam as pessoas nos mais variados graus da transição. Eles conheciam pessoas trans que estava começando a transição, que estavam descobrindo que eram trans e não entraram em questão hormonal, de cirurgia. Sempre falamos, desde o início, que íamos conhecer pessoas e ela gostaria de ser chamada assim porque ela é assim. Pronto. Não tinha questionamento nenhum. O Rafa, mais novo, sempre foi muito espevitado. Quando ele tinha uns quatro anos de idade, nós fomos buscar a Bárbara no Centro de Referência e saiu uma paciente dela que é uma mulher trans, mas começou a transição muito tardiamente então ela era calva, tinha uma aparência mais masculinizada por conta do efeito da testosterona no corpo dela, durante anos. Ela estava nesse processo. Uma voz mais grave mas toda feminina. A Bárbara entrou no carro e ele falou: mãe, essa sua amiga é tranquessesual? Ele não conseguia falar transexual. Falamos: Sim, ela é transexual. Ele colocou a cabeça pra fora do carro e falou: Tchau, tranquessesual. Nós dissemos: Não, filho (rindo). Não faz isso. É ela ou ele. Não tem que falar transexual. Eu estou falando isso porque desde o começo eles cresceram nesse meio mas tivemos muito cuidado para saber em que momento contariamos que eu era transexual. Foram períodos bem pontuais, em que eu participei de programas de TV e documentários que foram muito expostos. A primeira vez foi em 2003, quando eu participei do Na Moral, do Bial. Prestes ao programa entrar no ar, nós contamos e tivemos todo o cuidado para que ele ficasse preparado para o que os pais dos amigos iam falar. Tivemos esse cuidado. Quando a Bárbara começou a contar, ela falou: Você sabe que nós temos bastante amigos transexuais. O tio João Miguel, o tio Kel é transexual. Fomos contando todas as pessoas que eram homens trans. Ela disse: o que você diria se eu dissesse pra você que o Equinho é transexual? O Vinícius: nada. Aquele silêncio sepulcral. A gente? Como, nada? Ele: Nada, normal. Por isso que ele tem aquela cicatriz? É. A gente: Não é possível que essa criança não tenha nenhuma questão. Ele disse: Por isso que o Equinho não gosta que entre no banheiro enquanto ele está tomando banho? É. Eu sou o único da casa que tranco a porta quando vou tomar banho. Até hoje eu não gosto. São traumas. Essas fichas caíram, ele assimilou, bola pra frente. Anos mais tarde, em 2017, eu participei do Liberdade de Gênero. Hora de contar para o Rafael. Rafa, você conhece o tiozinho, fulano de tal. E se eu dissesse pra você que alguém da nossa família é transexual? Ele assim: Você, mãe? Ela: Não, filho. Senão eu não teria tido você da minha barriga. A tia Paty? A minha cunhada. Ele começou a falar todo mundo, menos eu. Ele: Mas, quem, mãe? Ela ficou esperando e ele: O Equinho? É, filho. O Equinho. Ele parou e começou a cair uma lágrima. Ela

perguntou: O que foi, filho? Você está triste? Não, agora eu estou feliz porque agora eu sei de toda a verdade. Foi assim. Essa foi a história maravilhosa de como eu contei para os meus filhos que eu sou trans.

Laís: Quase não sei como continuar, de tão arrepiada que estou.

Erick: As crianças não nascem preconceituosas, elas se tornam. Você transforma as crianças. Essas qualidades e defeitos são todas embutidas. O preconceito, aceitação. Tudo isso é embutido em um lar, cheio ou vazio, de amor.

[00:48:23]

Laís: Se você já propõe para as crianças um lar, um espaço coletivo diverso e respeitoso, é isso que ela vai aprender. Agora, se você já implica que ela tenha uma vida preconceituosa e que não pode ser isso, aquilo, aí também você está direcionando ela para que pensa e responda dessa forma. Você molda um ser humano, não rega para que ele floresça. Eu já tinha lido sobre a sua história mas ouvir de você é maravilhoso e ainda ouvir com essa delicadeza que você traz sobre os seus filhos, a fala dos seus filhos, eu que sou educadora e apaixonada por crianças, fico mais deslumbrada como a gente pode ser mais potente com as nossas crianças, se a gente também ouvi-las. Eu quero saber sobre a sua parentalidade, se você já sofreu alguma situação onde foi despotencializado do papel de pai por ser um homem trans? Como lidou com isso, caso tenha passado por isso?

[00:49:49]

Erick: Quem fazia muito isso era o pai biológico deles que faleceu de COVID em abril desse ano. Foi uma situação bem triste, por mais que o Rafa que é o mais novo, não tinha muito contato e eu vejo que ele se culpa muito por ter trazido isso pra cá e não ter levado muito afeto para o pai biológico. Eu vejo isso nitidamente nas postagens dele. Durante um grande período de tempo o pai biológico deles fez esse papel de forma magistral, uma coisa maravilhosa. A gente não se dava bem, ele não aceitava o fim da relação com a Bárbara. A Bárbara já estava tentando a separação há um tempo e acabou engravidando e com essas brigas todas acontecendo, mesmo sem saber que estava grávida, ela acabou se separando e a gente começou a namorar pois já éramos muito amigos e próximos. Na cabeça dele, ela se separou por minha causa. Ele começou a falar para todo mundo que a Bárbara era lésbica, que ela estava com uma travesti e para eles trazerem essa questão da anulação da minha paternidade. Durante muito tempo, enquanto a Bárbara estava casada com ele, ela criou filhos de outros casamentos dele, sendo que o mais novo tinha nove meses quando ela começou a namorar com ele. Ele tinha a guarda das crianças e ela criou os filhos dele durante 10 anos. Ela falou: Tudo que eu fiz para os seus filhos, o Erick faz para os meninos então você nunca diminua a paternidade dele porque ele faz muito mais que você. Nessa conversa, ele entendeu o que acontecia. Eu sinto que muitas pessoas pensam que eu sou um pai café com leite, um homem café com leite. Elas não falam isso diretamente mas pensam e sentem que a minha masculinidade é café com leite porque eu sou um homem trans. A heterossexualidade da Bárbara é café com leite porque ela está com um homem

trans. Para quem não conhece a expressão café com leite, aqui no estado de São Paulo é nada, é um adereço, apenas figurativa. Esse sentimento existe por parte das pessoas e o contrário também. Muitas pessoas me dizem que o que eu faço pelos meninos é maravilhoso, é além de ser pai. Tem de todos os tipos. Eu sei o que eu faço, eu sei o meu papel e às vezes eu me questiono também, como pai. Acho que o tempo todo a gente se questiona. A gente estava falando de expectativas agora a pouco e eu estava pensando sobre como até eu tenho essa questão de expectativa, não com relação a gênero, porque sou bem resolvido com isso mas, por exemplo, eu sou músico, cantor e sou bem restrito com relação a gosto musical. Eu tenho essa questão. A minha expectativa era que os meus filhos fossem roqueiros, gostassem de blues, de jazz mas eles são funkeiros e eu tenho que dormir com esse barulho e não adianta. Não adianta chorar. É isso. Ponto, acabou.

[00:54:00]

Laís: Sinto muito pelo falecimento e também pelas situações em que você foi despotencializado do papel de pai que você é, super, e não tem como negar. Nossa última pergunta. Como você e Bárbara, sua companheira, tentam garantir que seus filhos tenham contato com a diversidade nos mais diferentes aspectos da vida possíveis?

[00:54:37]

Erick: A primeira coisa de tudo é o respeito ao ser humano. Sempre colocamos isso em pauta e principalmente a questão do feminismo, por ter dois meninos héteros. A gente sempre brinca, ainda meninos, não sabemos o dia de amanhã. Dois homens cis héteros, o respeito às mulheres é uma das coisas que a gente mais bate na tecla, para que eles não sejam machistas, não reproduzam nada nesse sentido. Principalmente agora que eles estão adolescentes e que o whatsapp bomba de fotos e vídeos pornográficos, não da nossa parte claro mas a gente sabe que eles recebem de amigos, e acessam. A gente sempre bate nessa tecla para que eles, além de não serem machistas, sejam anti machistas. Além de não serem racistas, ser anti racistas. Além de tudo, eles são negros. O pai deles é negro e a família toda do pai é. Eles não são tão retintos mas sofrem preconceito. Hoje em dia, o nosso medo está muito nessa questão racial. Os meninos são manos, gostam de Rap. O Vinícius tem um cabelão cacheado, enorme e cheio de corrente, camiseta. O Rafa também é outro marrentinho. A gente morre de medo deles sofrerem esse tipo de preconceito, por parte da polícia. Sabe aquelas recomendações que a gente odiaria dar para um filho mas damos? Filho, não corra, não enfrente policial se você for abordado, não faça isso, não faça aquilo. E, principalmente, nunca desrespeite uma pessoa. Graças à Deus, a gente nunca ouviu e nunca vai ouvir deles nada pejorativo, no sentido viado, sapatão, traveco porque nunca existiu esse vocabulário aqui em casa. Mais ainda do que isso, vemos os dois corrigindo as pessoas, sem que a gente interfira. Isso é muito mais legal. Quando o Rafa tinha cinco anos, na ecolinha, ele falou que um amiguinho tinha dito que homens não podem se beijar. Ele falou que pode sim e que isso chama ser gay. Tem toda essa questão educativa que eles absorveram e vão mandando pra frente. Eles se tornaram defensores da causa. Isso que é legal. Pra você ver como que você pode construir seres

humanos legais. Eu acho que essa formação em torno da diversidade, do respeito e de todas as diversidades. Na Diferentes, que é a nossa consultoria, falamos de todas as diversidades – de gênero, orientação sexual, raça, religião, geração, PCD, de tudo. E eles são crianças que respeitam todas as diversidades. É muito legal ver isso. É muito legal ver que você está construindo seres humanos para mudar essa coisa toda.

Laís: É uma delícia essa construção, é uma delícia ouvir tudo isso e saber que isso é um ponto de multiplicação. Te agradeço muito por essa entrevista, por copartilhar com a gente a sua história e da sua família.

Erick: Eu que agradeço. É um prazer participar cada vez mais, estar presente, contando a história e poder inspirar as pessoas. Acho que essa é a nossa missão.

Como te encontramos nas redes?

No instagram @erickbarbi, no youtube.com/erickbarbi. Preciso reativar o meu canal. Eu fazia vídeos de música e informação. E tem o site erickbarbi.com.br. quem quiser conhecer um pouco mais sobre a consultoria Diferentes tem o site somostodosdiferentes.com.

(vinheta musical)

Mães pela diversidade

O coletivo Mães pela Diversidade é uma Organização Não Governamental que tem como pilares a independência, laicidade e o suprapartidarismo. Nasceu na cidade de São Paulo em 2014, fruto de um encontro espontâneo de mães e pais de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais de todo o Brasil, preocupados com o avanço do fundamentalismo religioso, a insegurança jurídica, o preconceito e a violência contra a população LGBTQI+. Além disso, o grupo luta pelos direitos civis de seus filhos e filhas.

O Coletivo Mães pela Diversidade é o primeiro dessa natureza, depois dele surgiram as “Famílias pela Diversidade” e as “Mães da Resistência”. Fique por Dentro dessa Causa!

(vinheta musical)

O Podcast É familiar é uma produção do Sesc Avenida Paulista com consultoria de Saulo Amorim, produção de Thiago Theodoro e Felipe Dantas e integra o projeto institucional do Sesc São Paulo, Cuidar de Quem Cuida.

E fiquem ligades no Episódio 2, em que falaremos sobre - **reprodução assistida em contraponto aos riscos das inseminações caseiras e o impasse dos registros públicos que desconsideram a existência de famílias com duas mães e dois pais**. Esperamos vocês neste podcast que **Eh Familiar!**